

JORNAL
TRIBUNA
de Macau

澳門論壇日報

Um jornal com memória



Chegamos
a todo o Mundo
através de

<http://jtm.com.mo>

www.facebook.com/tribunademacau1982



CHEONG
KIN MAN*

De peito desnudo, fiquei escondido a ler no parque dum bairro residencial berlinense onde isso não parece ser hábito. Sendo uma pessoa distraída, uma biografia sobre Jacques Brel levou-me a viajar no tempo, nas ruas bruxelenses, e a recordar uma pessoa que me trouxe à capital belga em 2008, uma pessoa importante da minha vida, uma macaense que recusava esta identidade. Dizia: "Não sou macaense".

Entre 2007 e 2008 fiz um curso de português como língua estrangeira na Universidade de Coimbra enquanto bolseiro da Fundação Oriente. Num dia de Fevereiro de 2008, quando estava a ter aula sobre a "Terra portuguesa" - isto é, da geografia de Portugal - da professora e hoje amiga Fátima Velez de Castro, no antiquíssimo Edifício S. Jerónimo, recebi uma chamada com um código de um país que desconhecia, +32. Era a Teresa, filha da já falecida Maria do Céu Saraiva Jorge.

Maria do Céu Saraiva Jorge (1919-2007) era natural de Lisboa, professora de línguas germânicas, tradutora de Shakespeare, a única mulher entre os sócios fundadores da Casa de Macau em Portugal e, também a destacar, autora de um livro intitulado "Macau que eu conheci: anos 20 e 30" (2006).

Uma década após o falecimento da mãe da Teresa, o Professor António Aresta escreveu um artigo, "Maria do Céu Saraiva Jorge" (edição de 3 de Fevereiro de 2017, no Jornal Tribuna de Macau), e o duo Ana Brandão & João Paulo fez, em Portugal, uma peça de teatro musicado com base da tradução de Shakespeare de Maria Jorge.

Com uma voz extremamente rouca mas carinhosa, a Teresa explicou ao telefone que a sua mãe tinha falecido há um ano e que tinha consigo a minha carta, que eu tinha enviado à residência principal em Lisboa, endereçada a Maria Jorge.

Nessa carta eu explicava que tinha lido, durante o ano novo lunar de 2008, uma crónica do Dr Jorge Rangel no Jornal Tribuna de Macau e, que como na altura já tinha produzido um documentário, "As Fontes de Água de Macau" (a primeira versão mais curta de 2007), pretendia fazer uma curta-metragem sobre a professora Maria Jorge e traduzir o seu livro para o chinês-mandarim, e eventualmente para o cantonense, podendo o mesmo servir como áudio-livro.

QUATRO GERAÇÕES DE TRADUTORAS E TRADUTORES

Há relativamente abundantes materiais em língua portuguesa sobre a proeminente família macaense Jorge. Por isso, neste meu modesto artigo vou concentrar as minhas observações apenas em alguns pontos.

Fiquei impressionado ao constatar que a continuidade dessa família na área de tradução persistiu durante quatro gerações: o trisavô materno da Teresa, Cândio José Jorge (1849-1900), era intérprete-sinólogo de formação, o seu bisavô materno José Vicente Jorge (1872-1948) era chefe da Repartição Técnica do Expediente Sínico (trabalhei também num organismo descendente desta Repartição); quanto ao seu avô, também Cândio, não consegui, aqui em Berlim, obter informações; já a sua mãe foi tradutora de Shakespeare.

Depois daquela chamada, de Bruxelas para Coimbra,

a Teresa enviou-me um email com o texto num anexo em ficheiro Word. Assim tinha-lhe pedido, porque na altura o meu velho endereço electrónico de Hong Kong não era compatível com letras portuguesas com acentos: essas letras saíam como estranhos caracteres sino-asiáticos. Que tempos de outrora!

Nesse texto, a Teresa referiu que tinha feito o curso de pintura da Escola de Belas-Artes de Lisboa e aí tinha sido colega de António Conceição Júnior e de Nuno Roque Jorge (de quem era prima em 3º grau). Mencionou também que, desde 1985, era tradutora na Unidade de Tradução Portuguesa do Secretariado-Geral do Conselho de Ministros da União Europeia, em Bruxelas.

Dois meses depois, encontrámo-nos no Holiday Inn em Lisboa.

UM TRAJE OFERECIDO AOS REAIS MUSEUS

Fico ainda hoje muito agradecido à Teresa. Uma pessoa com muita curiosidade, e sobretudo, um grande coração. Deu-me contactos importantes em Lisboa, que aproveitei para produzir um documentário muito amador "Ou Mun lan, Macaenses - 35 Identidades, 35 Entrevistas" (2009). Deu-me, acima de tudo, coragem para contactar os seus familiares e conhecidos.

A Teresa enviou-me o vídeo da apresentação do livro "Maria do Céu Saraiva Jorge" em Lisboa (2006) pelo Dr Jorge Rangel e com a participação do actual Presidente da República Portuguesa, Professor Marcelo Rebelo de Sousa, que também prefaciou a obra de Jorge. No discurso de Marcelo Rebelo de Sousa, com muito humor e carinho, disse, olhando para a assistente, que a "filha [de Maria Jorge] Teresa Jacob... não gosta de fotografias e que está algures escondida."

No Verão de 2008, com o patrocínio do Instituto Internacional e do Banco Nacional Ultramarino, fui a Bruxelas, juntamente com o artista Season Lao, para fazer uma entrevista em vídeo com a Teresa. Foi a primeira vez que fui à Bélgica. A Teresa morava num magnífico apartamento na parte central da capital belga, com algumas peças oriundas da colecção de José Jorge. Lá, no mesmo bairro, em 2015, também cheguei a passar um mês.

Nessa altura de estudante a contar os tostões, a jornalista holandesa, Helenka Spanjer, teve a simpatia e a amizade de me acolher.

Da Teresa guardo a memória de uma senhora linda, e sobretudo muito simpática. Era uma pessoa com elegância e coração de criança ao mesmo tempo. E, nessa vez, notei uma diferença: tinha um pequeno alarme branco com botão vermelho no peito.

Falámos de tarde até anoitecer. Fotografámos a colecção de fotografia da família Jorge e registámos o som da entrevista com a Teresa. Durante todo o processo de várias horas, a Teresa não deixou de fumar. Sendo na altura um jovem, e parafraseando Jacques Brel, "com o coração cheio e a cabeça vazia", não imaginava que a Teresa já poderia estar muito doente.

O que me mais marcou na entrevista, ou melhor nessa conversa muito amigável, foi quando a Teresa me mostrou duas fotografias (ver imagem) onde a menina Teresa estava vestida com um traje manchú que o seu bisavô José Vicente Jorge lhe ofereceu.

Não pudemos fotografar a Teresa, mas fiquei autorizado a utilizar essas e outras fotografias. O meu coração ficou mais quente quando Teresa me referiu que o traje já fazia parte da colecção dos Reais Museus das Belas Artes da Bélgica. Inventando uma razão, recusei o jantar pois não queria que a Teresa nos pagasse uma refeição.

CORRESPONDÊNCIAS ENTRE BRUXELAS E MACAU

Para efeitos do episódio que adiante vou contar sobre a Teresa, passo a citar estas frases do livro "Macau que eu conheci":

"Copiando uma revista de cinema que nós comprávamos, a 'Photoplay', ele [Padre Albino Borges, 1917-

2008] desenhou para mim um grande retrato do actor Clark Gable, que colou a um cartão com um suporte por trás, para se aguentar em pé em cima da minha mesa de cabeceira. Nunca o lá pus, que a minha tia Amália matava-me, mas guardei o retrato do meu galã favorito com muito carinho e, de vez em quando, lia com gratidão a dedicatória assinada por trás daquela obra-prima, que ninguém diria ter sido feita à mão. Ainda o conservo, entre as minhas recordações de Macau."

Não pude acreditar que esse retrato de William Clark Gable estava ainda tão bem guardado, mas a confirmação chegou quando a Teresa me enviou uma imagem digital. Mais uma vez a Teresa demonstrou a sua simpatia, pois teve de aprender a usar um scanner para me enviar a imagem em causa.

Passados mais dois anos, quando saí em Macau o grande volume "José Vicente Jorge - Macaense Ilustre" (2011), enviei um exemplar desse livro pesado por correio para Bruxelas. Na correspondência com a Teresa comentei no meu português de aprendiz:

"Ainda não li o livro com atenção. Mas o título já me fez desapontado: o nome chinês do seu bisavô é „retraduzido“ segundo a norma actual em mandarim, em vez de citar directamente o nome chinês dele! É como dizer os nomes dos grandes sinólogos Mateus Ricci ou Jonathan D. Spence sem dizer correctamente em chinês! E os nomes das repartições onde o seu bisavô trabalhou também não [est]ão correctos."

¶ Para dizer um obrigado em cantonense, escrevi um artigo sobre Maria Teresa Jorge Moreira Jacob (1948-2012), que foi publicado dois meses após o seu falecimento, na revista macaense "NEW GEN. Monthly" (hoje renomeada em inglês "NG Plus"). Porém, senti sempre que lhe devia um obrigado em português. Agora finalmente digo-lho aqui: Obrigado, Teresa! Obrigado, 莉珊! ¶

Na troca de correspondência, durante cinco anos, que eu escrevia com o meu português de aprendiz e que a Teresa escrevia com muitas gírias ao misturar português com o inglês e o francês, essa amiga de longe acompanhou o meu crescimento.

Em 2011, fui admitido para o Mestrado de antropologia da Chinese University of Hong Kong e para uma formação para intérpretes-tradutores macaenses ao mesmo tempo. Por razões financeiras, optei pela formação da administração. Mas foi justamente assim, como parte dessa formação, na componente de interpretação de conferência, em Bruxelas, que pude ver a Teresa no seu último ano de vida, em 2012.

UM ATRASADO OBRIGADO EM PORTUGUÊS

Ao começar a trabalhar na administração pública, também nessa altura fui aceite para o Mestrado em antropologia visual na Universidade Livre de Berlim. A Teresa escreveu-me, ainda, no dia 27 de Junho de 2012, desejando-me uma "ótima e proveitosa estadia em Berlim" e dizendo que tinha, após o liceu, estudado alemão durante dois anos, mas que não tinha praticado essa "língua muito complicada" e que, por isso, já a tinha esquecido. (Recorde-se que o senhor Presidente da República Portuguesa foi aluno da mãe da Teresa, Maria Jorge, na cadeira de alemão no liceu.)

Foi o último email que recebi da Teresa. Faleceu pouco mais de dois meses depois, essa pessoa que me



levou até Bruxelas por ser admirador do seu bisavô e, sobretudo, do livro de Maria Jorge. Ficou irrealizado o seu plano de conhecer Macau numa viagem de barco, pois não aguentaria tantas horas no avião sem poder fumar, como me contava.

Para dizer um obrigado em cantonense, escrevi um artigo sobre Maria Teresa Jorge Moreira Jacob (1948-2012), que foi publicado dois meses após o seu falecimento, na revista macaense "NEW GEN. Monthly" (hoje renomeada em inglês "NG Plus").

Porém, senti sempre que lhe devia um obrigado em português. Agora finalmente digo-lho aqui: Obrigado, Teresa! Obrigado, 莉珊!

*Natural de Macau onde foi intérprete-tradutor até 2013 vivendo desde então na maior parte do tempo na Europa (Alemanha e Bélgica). Autor do filme experimental "uma ficção inútil" com sucesso internacional. Actual doutorando em antropologia visual e média em Berlim.